



## DANÇA

Sofia Soromenho

# A dança pode salvar o mundo?

Autópsia, da Companhia Olga Roriz estreia no São Luiz Teatro Municipal no dia 1 de novembro onde será apresentada até ao dia 3, segue depois em digressão em 2020, o ano em que se comemoram os 25 anos desta companhia.

O título desta peça remete para a morte, ou para o exame do que está dentro do corpo, mas também para o olhar para dentro, para si próprio e é partindo de uma perspetiva diferente do olhar que surge esta criação. No início do processo criativo, a coreógrafa propôs a visualização do documentário *One Strange Rock*, uma série que conta a história de como a vida sobrevive e prospera no planeta Terra relatada por

oito astronautas, ou seja, por um olhar externo e distante da Terra – uma visão exterior que compreende o interior. Deste documentário emergiram determinadas paisagens que servem como pano de fundo projetadas em palco. São imagens distorcidas que não reconhecemos, mas que transparecem e ganham forma através da dança. Cada um dos intérpretes debruçou-se naquilo que ficou a reverberar na sua própria vida, desde questões ambientais de um modo geral, ao impacto que as mesmas têm na vida de cada ser humano. Olga Roriz conta que durante a pesquisa trabalharam exaustivamente a palavra escrita através da criação de alfabetos partindo de temas como:



Autópsia Nova coreografia de Olga Roriz

o amor, a velhice, a morte, o corpo, a dança, etc. e com estas palavras os bailarinos fizeram várias sessões de improvisação. A palavra esteve muito presente durante o processo criativo, no entanto o espetáculo não tem qualquer texto ou palavra. Em palco seis bailarinos confundem-se com a paisagem, argila, pó, nuvem, fumo, o ambiente é suspenso e dessa suspensão surge este dissecar da vida. Há um murmúrio, uma canção, o chamamento dos animais e a dança aos mortos!

O ponto de partida para a pesquisa de Autópsia foi o olhar para dentro; para o interior do ser humano, a sua essência – e nessa busca daquilo que é essencial surge a origem do todo. O indivíduo e o todo, a vida e a morte, a destruição e a reconstrução, os ciclos, a repetição. A dança emerge de um ritual quase tribal que está presente ao longo de toda a peça. Há uma pulsação constante, do grupo ou individual, que cria uma cadência circular, mas que se desloca sempre para algo novo, isto é, a repetição dá origem a qualquer coisa nova. E assim nessa espécie de transe

cada um dos seis intérpretes à vez vai dando corpo a uma paisagem. Estas belíssimas paisagens-pessoas assomam-se sofridas, cansadas, fustigadas, espasmódicas, perseguidas, perdidas, numa espécie de limiar de sobrevivência. A coreógrafa no entanto fala de esperança, Olga Roriz tem esperança “que a dança possa salvar o mundo” e Autópsia apresenta essa tentativa individual e coletiva de redenção. Ali encontram-se pessoas oriundas de paisagens distantes, cada uma com a consciência de que o planeta está a ser maltratado e cada uma sente o impacto da morte no mundo, da devastação que acontece na paisagem. Todos lutam para salvar esse local. O ritual para salvar, a dança como ritual, um ritual individual e a descoberta de um ritual conjunto que possa salvar o mundo.

Os corpos deixam para trás um lastro de pó que fica suspenso no ar. Depois da dança, a redenção, o descanso, o pó. Autópsia não é apenas sobre a morte, é sobre a vida, é sobre transformação, sobre a ambivalência da possibilidade. **JL**